

A Socialização Infantil através da Ludicidade: o Brinquedo é um Meio de Comunicação?

Child Socialization through Playfulness: Is the Toy a means of communication?

Socialización infantil a través del juego: ¿Es el juguete un medio de comunicación?

MYLENA MATOS DA CUNHA MASCARENHAS¹, ANA PAULA SILVA DA CONCEIÇÃO²

¹ Universidade do Estado da Bahia- Campus I Salvador

² Universidade do Estado da Bahia- Campus I Salvador

RESUMO: O artigo tem como objetivo analisar estudos que evidenciam a relação da criança com a ludicidade e a importância do brincar para o desenvolvimento da comunicação e da socialização. Por objetivos específicos propõe-se identificar as teorias que abordam a cultura lúdica para o fortalecimento da formação humana de crianças; investigar conceitos de infância, brincar, brinquedo, brincadeira e brinquedoteca e, por último; identificar estudos que apontam a socialização infantil no contexto das brinquedotecas. Na metodologia, elaborou-se um levantamento bibliográfico a partir dos bancos de teses e dissertações, tendo por referências autores como Vygotsky (1991), Winnicott (1975), Kishimoto (1995), Prodanov e Freitas (2013), Luckesi (2014) e Ariés (1986). Por meio desta pesquisa chegou-se à conclusão de que a ludicidade promove o desenvolvimento da socialização e o aumento do repertório comunicativo. Nesse sentido, a brinquedoteca é um espaço que promove o brincar livre e conseqüentemente facilita o âmbito social, comportamental, moral e comunicativo.

BRINQUEDOTECA UNIVERSITÁRIA. INFÂNCIA. LUDICIDADE. SOCIALIZAÇÃO.

ABSTRACT: The article aims to analyze studies that show the child's relationship with playfulness and the importance of playing for the development of communication and socialization. For specific objectives, it is proposed to identify theories that address the playful culture to strengthen the human formation of children; investigate concepts of childhood, to play, toy, children's games and toy library, and finally; identify studies that point to child socialization in the context of toy libraries. In the methodology, a bibliographic survey was elaborated from thesis and dissertations banks, having as references authors such as Vygotsky (1991), Winnicott (1975), Kishimoto (1995), Prodanov and Freitas (2013), Luckesi (2014) and Ariés (1986). Through this research, it was concluded that playfulness promotes the development of socialization and increases the communicative repertoire. Thus, the toy library is a space that promotes free playing and consequently facilitates the social, behavioral, moral and communicative children's scopes.

UNIVERSITY TOYS. CHILDHOOD. LUDICITY. SOCIALIZATION.

RESUMEN: El artículo tiene como objetivo analizar los estudios que muestran la relación del niño con la alegría y la importancia del juego para el desarrollo de la comunicación y la socialización. Para objetivos específicos, se propone identificar teorías que aborden la cultura lúdica para fortalecer el desarrollo humano de los niños; investigar conceptos de infancia, juego, juguete, juego y ludoteca, y finalmente; identificar estudios que apunten a la socialización infantil en el contexto de las ludotecas. En la metodología se elaboró un relevamiento bibliográfico a partir de los bancos de tesis y disertaciones, teniendo como referencia autores como Vygotsky (1991), Winnicott (1975), Kishimoto (1995), Prodanov y Freitas (2013), Luckesi (2014) y Ariés. (1986). A través de esta investigación, se concluyó que la alegría promueve el desarrollo de la socialización y el aumento del repertorio comunicativo. En este sentido, la ludoteca es un espacio que promueve el juego libre y en consecuencia facilita el ámbito social, conductual, moral y comunicativo.

BIBLIOTECA DE JUGUETES UNIVERSITARIO. INFANCIA. LUDICIDAD. SOCIALIZACIÓN.

Introdução

Este artigo consiste na apresentação de resultados do Subprojeto de Iniciação Científica da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Partindo do projeto principal: “Infância, Linguagem, Cultura Lúdica e os Marcos Teóricos da Compreensão do Brincar: Desafios de um Percurso de Pesquisa e Formação”, as questões problematizadoras do referido subprojeto são: Como as crianças se socializam? O brinquedo é um meio de comunicação?

O artigo possui como objetivo analisar estudos que evidenciam a relação da criança com a ludicidade e a importância do brincar para o desenvolvimento da comunicação e da socialização. E compreender a atuação da Brinquedoteca Universitária sobre o processo de promover o lúdico e o desenvolvimento da socialização. Já os objetivos específicos desta pesquisa propõem identificar as teorias que abordam a cultura lúdica para o fortalecimento da formação humana de crianças; investigar conceitos de infância, brincar, brinquedo, brincadeira e brinquedoteca e, por último; identificar estudos que investigaram como acontece a socialização infantil no contexto das Brinquedotecas.

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica baseada em Prodanov e Freitas (2013) cujas informações produzidas construíram uma investigação histórica que dialogará com os vários campos do conhecimento, tendo foco na cultura lúdica e na infância como categoria social do tipo geracional. Neste sentido, também foram utilizados como referências autores da Psicologia do Desenvolvimento, tais como Vygotsky (1991) e Winnicott (1975), Kishimoto (1995), Luckesi (2014) e Ariés (1986).

Com o levantamento de teses e dissertações foi perceptível verificar a importância que a cultura possui para a mudança da inserção da criança no meio da ludicidade. Assim, em algumas pesquisas estudadas percebemos essa lacuna no quesito cultural e, portanto, o estudo apresentará a cultura lúdica com embasamento teórico de Brougère (1995) e Benjamin (1987).

Ressaltando que a reflexão para essa pesquisa partiu do estágio básico de observação que foi realizado na Brinquedoteca Universitária pública, no qual tivemos a oportunidade de participar do contexto de possibilidade do brincar associado às crianças. Observou-se que o brincar possui particularidades, por exemplo, as crianças ao chegarem ao local ficam tímidas e, posteriormente, com a inserção da brincadeira com os monitores do local, elas criavam vínculos sociais e aumentavam o repertório comunicativo. A partir dessa experiência percebeu-se a escassez de pesquisas bibliográficas na área de Pedagogia e Psicologia referente a temática estudada.

Assim, ao longo do artigo é possível verificar dentro de, uma investigação multidisciplinar, como o modo de interação das crianças por meio do lúdico pode nos ajudar a pensar sobre o brinquedo para além de sua significação, mas também como forma de comunicação e desenvolvimento social. Num cenário entre o real e o imaginário a criança busca representar sua interação com o mundo externo e

consigo mesma através do lúdico, como forma de satisfazer suas curiosidades, divertir-se, relacionar-se com outras crianças e comunicar-se. No território da brincadeira, cada criança cria a partir de sua própria imaginação: cenários, personagens e paisagens. Ela brinca com a realidade e assim constrói um universo particular.

2 Desenvolvimento

2.1 Método

A metodologia consistiu na investigação bibliográfica, com base em análise de teses, dissertações e demais textos acadêmicos como livros e revista. Desenvolvido com base em Prodanov e Freitas (2013) que propõe que o método bibliográfico é elaborado a partir de material já publicado sobre o assunto pesquisado.

[...] constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. Em relação aos dados coletados na internet, devemos atentar à confiabilidade e fidelidade das fontes consultadas eletronicamente. Na pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar (Prodanov; Freitas, 2013, p. 54).

Partindo desse pressuposto, buscou-se com base nos textos acadêmicos de livros e revistas, além de estudo dos documentos públicos oficiais, foi utilizado também os bancos de dados: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e nos artigos publicados pela *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, do Google acadêmico como fonte de investigação, trata-se de mapear e discutir produções acadêmicas, por meio de análise de teses, dissertações e monografias das Universidades Públicas e Privadas, sobre esta temática. Cujas informações produzidas construirão uma investigação histórica que dialogará com os vários campos do conhecimento, com foco na cultura lúdica e na infância como categoria social do tipo geracional.

Desta forma, a estrutura metodológica deste trabalho de pesquisa consistiu nas seguintes etapas da abordagem qualitativa por meio da Pesquisa Bibliográfica e Documental, a saber: 1. Levantamento de artigos científicos sobre as temáticas desta pesquisa em periódicos acadêmicos; 2. Levantamento no banco de dados referentes à temática de Acervo documental ampliado e digitalizado; 3. Levantamento de teses, dissertações e monografias sobre o tema desta investigação; 4. Realização de estudos sobre as concepções teóricas metodológicas e dos eixos norteadores desta pesquisa; 5. Sistematização e análise das informações levantados; 6. Participação em eventos acadêmicos; 7. Elaboração de relatório parcial; 8. Elaboração e publicação de resumo e relatório final de pesquisa para agência promotora/financiadora; 9. Produção de artigo científico para publicação em periódico; 10. Participação em eventos acadêmico científicos da UNEB. Assim sendo, este trabalho, para a sua estruturação e finalização, seguiu o cronograma previsto no Edital do Programa da Iniciação Científica organizado pela Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade pública.

2.2.2 O caminho da pesquisa

Nessa perspectiva, propõe-se uma discussão sobre os trabalhos que foram publicados nos bancos de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

(Capes), nos artigos publicados pela *Scientific Electronic Library Online (SciELO)* e no Google Acadêmico. As pesquisas selecionadas apresentam pontos acerca da socialização infantil e a ludicidade, principalmente nas Brinquedotecas Universitárias. Foram consideradas como palavras-chaves Infância; Ludicidade e; Psicologia, por possuírem uma amplitude de assuntos que estão contidos nas palavras citadas. Logo, houve a modificação das palavras-chaves como forma de atingir estudos que contemplavam nosso objetivo de pesquisa. As palavras utilizadas posteriormente foram: socialização; infância; ludicidade e brinquedoteca.

A princípio, realizou-se uma busca no Banco de teses da Capes, utilizando como descritores os termos (socialização + infância), sem nenhuma especificação a respeito da delimitação, apenas usando os descritores, e obtendo um resultado de 1.069 registros. Contudo, interessava saber se esses termos apareciam nos títulos, palavras-chave e/ou nos resumos, e com esse fim redimensionou-se a pesquisa e o número foi reduzido para 25 registros.

Uma estratégia de busca utilizada foi a aglutinação dos termos “socialização” e “infantil” para o descritor (socialização infantil) como forma de filtrar apenas o público-alvo dessa pesquisa, no caso as crianças. Posteriormente foram utilizados os descritores (socialização infantil + ludicidade), sem nenhuma restrição e obteve-se um resultado de 18 registros.

Foi utilizado também, o descritor “brinquedoteca”, sem nenhuma especificação quanto a delimitação, e obteve-se 10 registros. E logo em seguida, o descritor “brinquedoteca universitária”, como forma de restringir a pesquisa ao nosso local de estudo, entretanto não foi encontrado periódicos arquivo. Dessa forma, é perceptível a necessidade de pesquisa nesse ambiente lúdico, inserido em um contexto amplo, social e de troca de saberes que é a Universidade.

Dos 25 trabalhos encontrados (socialização + infância), foi feito um recorte de 2004 a 2018, tendo sido encontrados 21 artigos. Com a análise dos resumos desses trabalhos, percebemos que 17 não atendiam diretamente ao objetivo, pois versavam sobre temas variados, tais como: cotidiano infantil associado a uma determinada cultura ou região e ritos de aniversário infantil.

A partir desse levantamento, 3 pesquisas dentre as 4 selecionadas apresentaram aspectos que, em alguma medida, se alinhavam ao objetivo de analisar estudos que evidenciam a socialização infantil por meio da ludicidade. Os trabalhos separados são artigos de revistas, duas da revista “Educação e Sociedade” e a outra da “Educação: teoria e prática”, as quais estão relacionados no quadro a seguir:

Quadro 1- Artigos publicados no Banco de Teses da Capes.

ANO	AUTORA	TÍTULO	REVISTA
2004	Eric Plaisance	Para uma sociologia da pequena infância.	Educação e Sociedade
2008	Tamara Grigorowitschs	O conceito de socialização caiu em desuso? Uma análise de socialização na infância com base em Georg Simmel e George Mead.	Educação e Sociedade
2011	Andrea Braga Moruzzi	A sociologia da infância: esboço de um mapa.	Educação: teoria e prática

Fonte: Banco de teses da Capes, 2020. Elaboração própria.

Plaisance (2004) fundamentou seu estudo na perspectiva da sociologia permitindo uma análise do conceito de socialização com fundamentação teórica de Durkheim (1992) e Dubet (2002). As ideias de Plaisance (2004) contribuíram com o estudo de Moruzzi (2011) em seu artigo “A sociologia da Infância: esboço de um mapa” que visou reunir diferentes obras da Sociologia da Infância, no intuito de esboçar um mapa com as ideias e perspectivas de autores como Simmel, Mead, Durkheim, Sirota entre outros que abordam o tema. Já em relação à constituição do processo de socialização infantil, Plaisance

(2004) e Moruzzi (2011) trazem que o termo “socialização” foi descrito em dois modelos: o vertical proposto por Durkheim e o interativo, segundo a Sociologia da Infância.

O modelo Durkheimiano aborda a criança como sujeito pré-social, em processo de interiorização de valores e das normas emitidas pelos adultos. Nesse sentido, considera-se a criança como sujeito passivo em processo de coerção social. Essa percepção se contrapõe na abordagem da Sociologia da Infância que visualiza a criança como sujeito ativo no processo de socialização, sendo um agente social dotado da capacidade de formular, inventar e criar seus próprios espaços de sociabilidade.

Isto posto, esse processo de socialização é descrito por François Dubet (2002 *apud* Moruzzi, 2011) como uma construção progressiva de experiências sociais que se inscreve em registros múltiplos, como um ator social e não somente agente. Assim, construindo uma socialização que não se finaliza, pois é um processo que abrange toda a vida social do sujeito, e as relações que constituem em cada instituição inserida.

A transição de perspectiva sobre os processos de socialização foi decorrente das transformações da sociedade contemporânea que inseriu a criança em diversos contextos institucionais. No modelo Durkheimiano o processo de socialização infantil era visto da perspectiva familiar e, posteriormente, da educacional, ou seja, dois espaços de autoridade de saber e ordenamento social que seria introduzido do adulto para a criança. Em decorrência dessa mudança de perspectiva, surgiu a necessidade de compreender os processos de socialização na infância de acordo com a variedade e complexidade das experiências sociais vividas por esses sujeitos. Assim, a socialização modificou de estático para um processo interativo com espaço de trocas, de experiências, de realidade, de palavras e de gestos. Isto consiste em modificar a socialização em diversos espaços de sociabilidade que este sujeito é imposto, neste caso, considera-se a família, escola, meios de comunicação e pessoas do seu convívio. Posto isto, é importante compreender essa particularidade geracional.

Moruzzi (2011) em seu estudo contribui abordando o protagonismo infantil na ideia que as crianças são atores sociais e que as noções a respeito do repertório do ser criança são construídos socialmente.

Já no artigo intitulado “O conceito de socialização caiu em desuso? Uma análise de em socialização na infância com base em Georg Simmel e George Mead” a autora aborda uma relação de ideias explícitas anteriormente. Evidência que a socialização proporciona interação entre os sujeitos, e pensando no âmbito infantil as crianças a partir desse processo compartilham, criam e reproduzem: ação, pensamento e comunicação (Grigorowitschs, 2008).

Entretanto o estudo acrescenta autores como Simmel e Mead que permitem pensar a infância como um período específico dos processos de socialização, no qual a criança participa ativamente na construção do seu papel em sociedade e como a cultura possui influência sobre tal processo. Nesse sentido, os autores citados propõem que cada relação estabelecida com o outro indivíduo contribui para o desenvolvimento da interação e consequentemente para a socialização, já que para os autores “socialização é interação”. Então as pequenas interações contribuem para a constituição de esquemas emocionais e orientações do agir em sociedade.

Dessa maneira, é possível compreender a necessidade da efetivação infantil como ator social que criam e recriam comunicação, reproduções dos significados na maneira de visualizar o mundo, com base na ludicidade. Logo, esta torna-se um dispositivo para compreender as vivências e experiências dessas crianças, que articulam o real e o imaginário de maneira conjunta.

Já na base de dados da SciELO utilizando como descritores os termos (socialização + infância), sem nenhuma especificação a respeito da delimitação, apenas usando os descritores, e obtendo um resultado de 64 registros. Contudo, interessava saber se esses termos apareciam nos títulos, palavras-chave e/ou nos resumos, e com esse fim redimensionamos a pesquisa e o número foi reduzido para 47 registros. Posteriormente, foram utilizados os descritores (socialização infantil + ludicidade), sem nenhuma restrição e obteve-se um resultado de 1 registros.

Considerou-se também os descritores (socialização infantil + brinquedoteca) e (socialização infantil + brinquedoteca universitária), sem nenhuma especificação quanto a delimitação e não foram

encontrados registros. A partir desse levantamento, iniciamos a análise dos trabalhos publicados a partir dos descritores (socialização + infância) com o total de 47 registros e 1 publicação do descritor (socialização infantil + ludicidade). Identificamos que os assuntos versavam entre: educação de crianças com Transtorno do Espectro Autista; questões de gênero na primeira infância e o processo de socialização; violência e socialização na escola. É perceptível que o termo “infância” ampliou a pesquisa para todos os aspectos que ocorrem nesse período sendo assim, os registros da Scielo não possuíam nenhum vínculo com o objetivo do nosso estudo.

Assim, utilizamos o Google Acadêmico como forma de encontrar mais dissertações, artigos que possuam relação com o tema proposto. Nessa base de dados, com o recurso da busca avançada utilizamos os seguintes descritores: (brincar; comunicar; socializar; infância; brinquedoteca), em que a única restrição seria a frase exata “socialização infantil” e o resultado foi 44 registros. Adentrando na leitura dos resumos desses 44 registros, foi possível selecionar ao objetivo da pesquisa apenas 2 registros. Desses dois são monografias de conclusão de curso publicados em 2010 e 2012 que estão relacionados no quadro 2:

Quadro 2- Dissertações publicados no Google Acadêmico.

ANO	AUTORA	TÍTULO	INSTITUIÇÃO
2010	Quêlen Daiani Zanoelo Machado	Socializar brincando: uma experiência prática na educação infantil	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
2012	Tainan Suelen Gonzatto da Rosa	A ludicidade como espaço constituidor dos sujeitos infantis	Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ)

Fonte: Banco de dados Google acadêmico, 2020. Elaboração própria.

Machado (2010) na sua pesquisa “Socializar brincando: uma experiência prática na educação infantil” aborda a relação entre a ludicidade e a socialização no ambiente escolar. Possui como metodologia o estudo de caso analisando situações do contexto real com crianças de cinco anos de idade, em uma turma de Educação Infantil em uma escola pública de ensino fundamental da periferia de São Leopoldo em Porto Alegre/RS. Acrescentando a análise de questionários que foram enviados para os pais e falas espontâneas que foram resgatadas durante atuação na escola. Como fundamentação teórica, baseou-se nos estudos de Tânia Ramos Fortuna, Janet Moyles, Jean Piaget, Yves de La Taille e Borsa.

O estudo de Machado (2010) possui como objetivo analisar o papel da escola no processo de socialização infantil, através da ludicidade e de que forma a atuação dos professores durante o brincar pode interferir e colaborar neste processo. Assim, a observação com embasamento teórico foi muito estruturante para o estudo.

A partir da análise dos questionários respondidos pelos pais, estes abordavam que seus filhos ampliaram sua interação social, formação de amigos, desenvolvimento da espontaneidade, diminuição da timidez e recepção de convites para brincadeiras propostas pelas crianças. Ou seja, uma modificação de comportamento na relação com o brincar, alguns pais relataram também que a criança transitou da possessividade de brinquedos para o brincar compartilhado. Dessa forma, é perceptível como a inserção da criança em outro meio social desenvolveu no âmbito social, comportamental, moral e comunicativo.

Machado (2010) aborda que o seu estágio proporcionou momentos lúdicos que permitiram que as crianças entrassem em contato com outras formas de cultura e de ideias diferentes das suas. Esses

momentos foram de oportunidades para que pensassem juntos, entrassem em consenso sobre regras e qual brincadeira iriam realizar e conseqüentemente permitindo a concretização de vínculos sociais.

Observou-se que, os momentos lúdicos como jogos, brincadeira e recreação livre proporcionam a socialização e o desenvolvimento de aprendizagem social sobre regras e condutas morais. E a importância de ser proporcionado espaços e recursos que favoreçam essas atividades. Como foi proposto no estágio de Machado utilização de jogos, desenvolvimento de maquete coletiva e o brincar sem direcionamento do adulto.

As experiências de socialização vivenciadas pelas crianças de cinco anos de idade eram basicamente provenientes do seu convívio com a família, amigos dos familiares e vizinhos. A partir do adentramento na Educação Infantil, as crianças recebem oportunidades de se desenvolver por meio do contato com outras crianças da mesma faixa etária e com recursos de ludicidade. Partindo do pressuposto que no processo de socialização infantil desenvolvem-se as interações da criança com o seu meio, a partir de quanto maior o repertório de interações maior o desenvolvimento desse processo. Nesse sentido, a pesquisa de Machado (2010) concluiu que a ludicidade vivenciada na escola, na etapa da Educação Infantil, colabora com aprendizagens sociais e morais, facilitando o processo de socialização.

Já a pesquisa de Rosa (2013) “A ludicidade como espaço constituidor dos sujeitos infantis” possui a metodologia bibliográfica, associado a dados obtidos das observações do cotidiano de uma escola particular de educação infantil com foco em crianças na faixa etária de 2 a 5 anos. Utilizando embasamento teórico: Almeida (2010), Brougère (1995), Benjamin (1987), Kishimoto (2002), Sarmento (2003) e Winnicott (1975) entre outros autores que ajudaram na construção da pesquisa.

Rosa (2013) concluiu que o lúdico é uma ferramenta que auxilia no desenvolvimento de aprendizagem sendo utilizado pelos professores para introduzir os conteúdos de forma diferenciada, interativa e agradável deixando de ser maçante para os alunos na faixa etária principalmente de 2 a 5 anos. As pesquisas de Machado e Rosa apenas pincelam o quesito de cultura e de comunicação. Dessa forma utilizando a referência base dos estudos já analisados nesse texto, propomos buscar na íntegra. Nos tópicos a seguir deste trabalho, separamos autores em duas categorias: cultura lúdica e a comunicação, com embasamento teórico da primeira categoria citada entre os autores Brougère e Benjamin e, na segunda, autores como Borba, além de incluir a Psicologia do desenvolvimento como: Vygotsky e Winnicott.

2 Infância e a Socialização geracional

Na idade média não havia distinção de categoria geracional entre criança e adultos. A criança era denominada como adulto em miniatura, portanto não havia distinção de jogos, roupas e assuntos adequados para as crianças. Ou seja, não havia uma cultura própria e de conteúdos singulares para esses sujeitos.

Philippe Ariès (1986) em sua obra “A História Social da Infância e da Família” nos permite compreender aspectos históricos e sociais que permearam a construção do conceito de infância ao longo do tempo, que foram modificando a partir da organização da sociedade e com a intencionalidade política de cada época, no qual era estruturado a partir da necessidade apresentada pela sociedade.

Já na idade moderna foram ocorrendo mudanças na percepção dessas crianças como sujeitos singulares separados da categoria de adultos. E aos poucos a ideia de definir um lugar categórico para essas crianças foi sendo construída, principalmente com a inserção de escolas. Nesse sentido, refletimos se o termo “infância” é uma construção ou uma descoberta?

A constituição de uma classificação para o período das crianças ocorreu por volta do século XVII, de acordo com a obra de Ariès (1986). As mudanças foram relativas às vestimentas e à seleção de conteúdos para as crianças, que antes permaneciam sob seus próprios cuidados, agora são deixadas somente com um adulto. Ou seja, houve a transição de uma noção de ideias para um sujeito em

constituição. Conforme a evolução social da concepção de infância, passou a ser valorizado o espaço do brincar como importante para constituir e desenvolver esse ser. Foram ocorrendo as diferenciações e especificações dos direitos para cada categoria geracional e adequação das atividades para cada faixa etária.

As investigações inauguradas por Ariès (1986) demonstram que a infância é um produto histórico que foi se constituindo a partir das mudanças ocorridas na sociedade. Tais ideias também são estruturadas por Narodowski (1993) que propõe a infância como uma construção moderna que busca compreender o “ser-criança” com suas características próprias, sendo nesse período da vida que se regula as ações da vida social, no qual a criança passa de um sujeito não falante para falante introduzindo dessa forma, a socialização e constituindo os aspectos culturais.

A modernidade produz desse modo, um primeiro movimento de recorte, de segregação da criança, para depois restitui-la à sociedade, porém com um novo status; segregação e restituição inseparáveis no tempo, complementares de um mesmo fenômeno. Agora a infância é individualizada a partir de um lento e novo processo de demarcação e inserção na sociedade (Narodowski, 1993, p. 26).

Partindo da perspectiva de uma construção da infância e dos seus processos sociais, é importante compreender as relações em outros ambientes no qual a criança está inserida. Inicialmente o primeiro vínculo social da criança é a família e o segundo espaço seria a instituição escolar. Sob o mesmo ponto de vista a brinquedoteca é um outro local social que as crianças frequentam desde cedo, sugere-se então a brinquedoteca como um terceiro espaço de socialização.

Kishimoto (1995) aborda que a infância é construída pelo adulto em conformidade com suas percepções e valores. Por isso, a Sociologia da infância adentrou para compreender essa defasagem no estudo da infância a partir da própria criança, haja visto que, por muito tempo, o conteúdo foi unidirecional partindo do adulto. Nesse momento, a Sociologia propõe a minimização desse olhar adultocêntrico, voltando-se para o sujeito da situação e para os processos de socialização.

Ressaltamos que crianças e bebês pequenos costumam usar o corpo como instrumento de conhecimento, eles gostam de entrar dentro de caixas, em buracos, puxar, subir, encaixar, empilhar. Essa interação descrita é uma forma de explorar, compreender e dar significado ao mundo que lhe cerca.

É perceptível que o bebê interage com as brincadeiras de esconder e de descobrir o rosto usando uma fralda e dizendo “achou” e o resultado é o bebê desejar a continuação dessa ação repetidas vezes. Após algum tempo o bebê já domina a brincadeira e expressa de forma prazerosa, repetindo sua nova experiência e imitando o que o adulto produziu. O exemplo descrito é proposto por Kishimoto (2010) como um momento em que a criança aprende a dar significados aos movimentos, a compreender e usar regras e a comunicação.

Kishimoto (2010) aborda que a criança desenvolve o ato de brincar a partir das interações com os indivíduos ao seu redor. Com observação ela aprende a manusear objetos e propor brincadeiras a partir disto. A criança substitui qualquer objeto ao seu redor para representar objetos ou situações que acontecem na sua realidade, não como mera reprodução, mas como constituição de significados a partir da sua compreensão do mundo que lhe cerca.

Winnicott (1975) aborda em seu livro “O brincar e a realidade” o seu vínculo iniciado a partir dos brinquedos, como no Caso Diana em que a interação iniciou quando Winnicott perguntou sobre o urso que estava com a menina. A partir desse momento, durante as sessões, Diana iniciou um repertório de faz de conta com esse urso. A criança ao brincar compartilha seus pensamentos, reproduz suas vivências e estabelece uma comunicação com as pessoas ao seu redor. “A criança traz para dentro dessa área da brincadeira objetos ou fenômenos oriundos da realidade externa, usando-os a serviço de alguma amostra derivada da realidade interna ou pessoal” (Winnicott, 1975, p. 85).

O brinquedo e a ludicidade permitem a comunicação, ou seja, a ação de transmitir uma mensagem por meio de mímicas, utilizando palavra cantada, faz de conta. Dessa forma, a criança comunica a maneira que compreende e vê a realidade ao seu redor. Frequentemente, o termo ludicidade é usado para englobar qualquer atividade que envolve o brincar, o jogo e a brincadeira. Entretanto, Luckesi (2014) propõe que a ludicidade não é generalista. Para ilustrar, se uma atividade é denominada como lúdica, mas se sensações desenvolvidas são desagradáveis para o indivíduo, não ocorrerá uma ação lúdica. A ludicidade é singular para cada sujeito envolvido na atividade e deve proporcionar sensações agradáveis e de espontaneidade.

Dessa forma, compreende-se que o termo “atividade lúdica” é determinado a partir da experiência do sujeito envolvido. Sendo lúdico ou não a depender da vivência e da singularidade do sujeito. A generalização do lúdico como sinônimo de jogo, brincadeira ou qualquer atividade semelhante, é referente a origem da palavra latina “*ludus*” que quer dizer “jogo”, por isso a associação. Entretanto, o lúdico deixou de ser simples sinônimo e extrapolou para a experiência do sujeito envolvido.

Luckesi (2014) também propõe que ludicidade é diferente de atividades lúdicas, mas estão contidas e se complementam. A ludicidade é a experiência do sujeito a partir da atividade lúdica proposta, ou seja, a ludicidade é intrínseca a partir do estado interno do sujeito e a atividade é extrínseca pertencendo a dimensão externa. Atividade ela vai ocorrer, mas será lúdica ou não a depender da experiência do sujeito. É importante enfatizar que de acordo com Luckesi (2014) a ludicidade está em todas as fases da vida e nas experiências que estes sujeitos se envolvem, desde que proporcione entusiasmos e nas palavras do autor “que faça os nossos olhos brilharem” (Luckesi, 2014, p. 18).

Compreendendo o brincar como uma ação que cria e recria uma realidade de significações para a criança. É uma chamada para ação espontânea, no qual não exige como condição um produto final. Kishimoto (2010) aborda que ao brincar a criança aumenta suas possibilidades de explorar o espaço, objetos, pessoas e expressá-la de forma criativa. Permite expressar sentimentos e valores, de partilhar, expressar sua individualidade e identidade por meio de diferentes linguagens, de usar o corpo, os sentidos, os movimentos, de criar e solucionar problemas.

Já a brincadeira seria um fator estruturante para o brincar. Para Brougère (1995) a brincadeira é uma atividade que necessita de aprendizagem, ou seja, não há relação da brincadeira como algo natural do indivíduo, mas com um processo que se inicia desde cedo influenciada pelas relações do meio relacionadas com a cultura. Por exemplo, a brincadeira que segue gerações que foi ensinada por uma pessoa mais velha da família e posteriormente foi sendo perpassada a gerações seguintes, dessa forma as brincadeiras carregam valores e identidade de um determinado local.

Vygotsky (1991) na sua obra “A formação social da mente” aborda que a brincadeira está associada a regra sociais. Por exemplo, mesmo que a brincadeira não possua regras formais *a priori*, ao desenrolar da atividade o comportamento carrega uma regra estabelecida socialmente. Como em uma brincadeira de mãe e filha, a criança imagina-se como mãe e a boneca possuindo o papel de filha, o desenrolar da brincadeira irá obedecer a regra comportamental maternal.

Na análise de Vygotsky (1991) a brincadeira propõe a zona de desenvolvimento proximal da criança. No qual a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, dessa forma podemos dizer que o brinquedo fornece uma estrutura básica para o desenvolvimento psicossocial.

O brinquedo é um objeto portador de significados para criança que transita do real para o imaginário. De acordo com Rosa (2013) a partir do momento em que o brinquedo é dado a criança, ele passa a incorporar um sentido que é do significado do mundo no qual a criança está inserida. Para iniciar uma brincadeira não é necessário possuir um brinquedo, este seria apenas um aparato, por exemplo, que as crianças utilizam qualquer objeto e condicionam o objeto não estruturante a cargo de brinquedo, dessa forma para ser compreendido como objeto denominado “brinquedo” é necessário ser interpretado como tal para os atores sociais que utilizam.

De acordo com as observações de Winnicott (1971) o bebê ao brincar cria o objeto brincante no qual faz parte do seu ser. No primeiro momento o bebê está fundido a sua mãe, não possui noção do que seria interno e externo a sua realidade. Posteriormente, desenvolve-se o espaço potencial que é essa relação com algo que não faz parte do seu corpo, ou seja, um “não-eu”. Insere-se para dentro da área do brincar derivados da realidade interna que ainda não é compreendida como externa para esse bebê. Então, o objeto é designado transicional no qual permite a experimentação para compreender que o objeto é externo e não é criado por ele.

O brincar é antecedido desses fenômenos e posteriormente o objeto é percebido pelo bebê. E passando a estar disponível para um brincar compartilhado, no qual os objetos transitam da subjetividade para a realidade concreta.

Benjamin (1987) aborda que o brinquedo sempre foi um objeto criado pelo adulto para a criança. Embora os brinquedos sejam confeccionados geralmente por adultos, em que são introduzidas regras de uso, as crianças ampliam as possibilidades de significados e formas de brincar com o objeto. Mesmo nas brincadeiras geracionais como foi abordado anteriormente, podem criar e recriar regras e dessa forma poderíamos dizer que essa categoria geracional possui uma cultura própria?

Para refletir esse questionamento Brougère (1995) propõe que a cultura lúdica está inserida em um contexto da cultura geral sendo influenciada por livros, filmes e brinquedos criados pelos adultos para as crianças. Sendo influenciado por representações e conhecimentos sobre a ideia de infância, em um contexto de uma determinada época. Mas, é necessário pensar que mesmo inserida em uma cultura geral e recebendo influências as crianças conseguem coproduzir seu próprio repertório lúdico.

Ao brincar a criança insere a sua interpretação e dessa forma constrói uma cultura lúdica que em parte é produção da sociedade adulta. Essa cultura é acessada no decorrer da experiência que é produzida pelo sujeito social, ou seja, a criança desenvolve através da socialização com o seu meio.

“Se até hoje o brinquedo tem sido visto demasiadamente como produção para a criança, se não da criança, o erro oposto é ver a brincadeira excessivamente na perspectiva do adulto, do ponto de vista da imitação” (Benjamin, 1987, p. 252).

As crianças brincam do faz de conta de ser quem elas não são, por exemplo, ser o papel do outro como: do pai, da mãe, do ladrão, da bruxa, da princesa. Não é partindo do ponto da imitação, mas de refletir sobre as relações que lhe cercam. Vygotsky (1987) *apud* Borba (2007) aborda que essa experiência permite a concretização de pensamento, ação, expressão e comunicação. Pela elaboração de novos papéis sociais e ações sobre o seu contexto são ressignificados.

A experiência na Brinquedoteca Universitária permitiu que observasse as falas, expressões e gestos enquanto as crianças brincavam. É perceptível o investimento no planejamento e na organização das brincadeiras no quesito de definir cenários, regras, ações, divisões de papéis. A forma que articulam a modificação de vozes, entonação de falas, modos de comportamento para brincar de faz de conta ou a articulação para brincadeiras incluindo fantoches. Essas observações levam-nos a perceber que a ludicidade amplia o processo de comunicar das crianças. E adentrando no nosso questionamento inicial: como o brinquedo é um meio de comunicação?

O brinquedo é um objeto a ser partilhado no processo do brincar, nessa partilha a criança desenvolve habilidade de comunicar com outro, ampliando seu repertório de vocabulário. Na comunicação está inserida ao todo processo de brincar compartilhado, pois, inicia-se a interação com outro.

Kishimoto (2010) aborda que em torno de 3 a 4 anos, a criança atinge o auge do desenvolvimento simbólico. Nesse período, a criança utiliza “guias” ou roteiros que possibilitam desenvolver o tema da brincadeira. Na brincadeira coletiva, em que se partilha o tema, há um roteiro combinado pelas crianças, por exemplo:

[...] uma dirige o caminhão-cegonha que transporta vários carrinhos; outra, o caminhão-caçamba que transporta entulhos, e uma terceira, o carro de bombeiro. Mesmo na categoria de motorista, cada uma tem um tipo diferente de trabalho, que auxilia a expressão da situação

imaginária, e todas se encontram no posto de gasolina para colocar combustível. A brincadeira de ser motorista, com várias personagens e um roteiro partilhado, enriquece a experiência dramática da criança. A linguagem verbal se amplia nas brincadeiras imaginárias, na companhia de outras crianças (Kishimoto, 2010, p. 5).

Borba (2007) aborda que existe um modo de comunicar próprio do brincar que é diferente da comunicação habitual. E esse repertório só é adquirido brincando, a criança desenvolve um discurso organizado e com características próprias permitindo que as crianças transitem entre os planos da imaginação e da fantasia; espaço e tempo. Dessa forma, o plano informal do brincar possibilita a construção de competências e conhecimentos nos planos da cognição e das interações sociais, o que certamente proporciona conhecimentos na aprendizagem formal.

Há dois tipos de comunicação, a verbal e a não verbal. A verbal é descrita pela fala, já a não verbal se manifesta por gestos, comportamentos, expressões faciais entre outras manifestações no qual a palavra não está inserida. Winnicott (1975) aborda que o brincar transmite sutilezas que as crianças não conseguem expressar pelo viés da linguagem, o que faz refletir que o brincar permite acesso a essa comunicação não verbal, que está inserida no ato de brincar, ao movimentar objetos, a forma que articula e desencadeia esse processo pode comunicar ao outro algo que não está explícito.

Winnicott (1975) aborda que o brincar pode ser uma forma de comunicação na psicoterapia, ou seja, a criança através desse processo comunicar algo que não está no verbal. O conteúdo muitas vezes aborda uma compreensão de como a criança está sentindo, sentimentos, angústias, ou seja, comunicar ao mundo o que passa dentro de si. O brincar vai muito além que uma articulação de estruturas.

3 Brinquedoteca Universitária como espaço facilitador da Ludicidade e da Socialização infantil

Para embasamento teórico sobre brinquedoteca foi utilizado o acervo da Brinquedoteca Universitária Pública e com embasamento teórico dos autores: Cunha (2007), Cely (1997), Negrine (2000) e Santos (1997; 2000). Estes estudiosos compreendem que, qualquer brinquedoteca, independentemente do tipo do lugar onde está instalada, tem como principal objetivo proporcionar o brincar livre e conseqüentemente desenvolvimento emocional, social e intelectual.

Nesse contexto, tem-se como referência o espaço da Brinquedoteca Universitária que é um ambiente multirreferencial que engloba pesquisa, ensino e extensão. Inclusive está inserida em um contexto acadêmico no qual recebe criança da comunidade externa e interna do entorno da Universidade Pública Estadual. Constitui-se em um ambiente amplo onde ficam os brinquedos, jogos, materiais pedagógicos, livros, aparelhos de som e de vídeo. Os brinquedos estão colocados em prateleiras, catalogados conforme seus aspectos físicos e pedagógicos. Todas as paredes da brinquedoteca são decoradas com figuras coloridas de flores, bichos, personagens, desenhos feitos pelas próprias crianças que frequentam o local e entre outros. O objetivo é comum de qualquer outra brinquedoteca sendo o principal promover o brincar sem direcionamento, visando à ideia que é importante não interromper a concentração de uma criança quando está brincando. Como Cunha (2007) aborda o “momento em que ela está totalmente absorvida pelo seu brinquedo é muito especial, um momento mágico e precioso” (Cunha, 2007, p. 76).

Esta Brinquedoteca Universitária também promove um ambiente que estimula a concentração, a operatividade da criança; procura favorecer o equilíbrio emocional; proporcionar expansão da sociabilidade, criatividade, exploração do ambiente e conseqüentemente de novas descobertas; Cunha (2007) aborda que o monitor/brinquedista deve estimular a resolução de problemas; reduzir a dificuldade quando a criança estiver para desistir; encorajar as manifestações espontâneas; escolher brinquedos adequados ao interesse e ao nível de desenvolvimento da criança;

preparar o ambiente mas não conduzir a atividade e principalmente valorizar o brinquedo como atividade geradora de desenvolvimento intelectual, emocional e social.

Compreende-se que a brinquedoteca possui uma ideologia diferente de um ambiente tradicional que não prioriza o brincar ou compreendem como mera diversão sem aquisição de aprendizado. Na experiência de monitoria na Brinquedoteca Universitária percebi que muitas vezes o adulto compreende que o aprendizado é unidirecional, ou seja, do adulto para a criança. Observei que o adulto queria ensinar a criança a regra de um jogo, entretanto o que ocorreu foi o inverso a criança que ensinou suas próprias regras utilizando sua criatividade. Por isso, o brincar sem direcionamento é o propósito da brinquedoteca e o diferencial de qualquer outro ambiente que ela venha participar.

Neste contexto, é nítida a importância de preservar essa liberdade de escolha que o brincar livre proporciona, Negrine (2000) aborda que se observarmos um grupo de crianças entrando na brinquedoteca, é perceptível que irão explorar o local de todas as formas possíveis, para depois entreter-se com a maior seriedade. Parafraseando as ideias de Santos (1997) que a brinquedoteca é

um espaço alegre, colorido, diferente e desafiante, onde a criança, realmente, possa brincar e brincando possa desenvolver sua autonomia, criatividade, iniciativa, senso crítico e responsabilidade, tornando-se pessoa, cultivando sua autoestima e de desenvolvendo um autoconceito positivo (Santos, 1997, p. 100).

Dessa forma, Santos (1997) ressalta que criar uma brinquedoteca é mudar nossos padrões de conduta em relação à criança; é abandonar métodos e técnicas tradicionais e acreditar que o lúdico proporciona o desenvolvimento em vários sentidos.

Considerações finais

Como vimos nas pesquisas, é durante a infância que inaugura o processo de socialização na vida do indivíduo, devendo permanecer este processo ao longo de toda a sua vida. Tal socialização infantil se utiliza, especialmente, da ludicidade e garante assim a sua efetivação, independentemente de qualquer cultura.

O segundo questionamento levantado nesse artigo: “o brinquedo é um meio de comunicação?” propõe evidências que o brinquedo é um objeto a ser partilhado e nessa troca, a criança desenvolve habilidade de comunicar e interagir com outro. Dessa forma, o brinquedo fornece uma estrutura básica para o desenvolvimento psicossocial.

Os autores como Vygotsky (1991) e Winnicott (1975) apontaram que é possível compreender a necessidade da efetivação infantil como ator social que cria e modifica a comunicação, reproduções dos significados na maneira de visualizar o mundo, ou seja, utilizando a ludicidade como um dispositivo para compreender as vivências e as experiências dessas crianças que articulam o real e o imaginário de maneira conjunta. Assim, entendemos que a ludicidade é tal qual à infância, um construto cultural. Esta é pensada como principal meio de socialização das crianças no mundo dos adultos. Por essa razão, a experiência de uma criança com a ludicidade vai estar fundamentada na cultura geral em que ela está inserida, modificando-se a cultura lúdica de uma sociedade para outra.

Por fim, as pesquisas estudadas nesse artigo corroboram que as brinquedotecas universitárias são um espaço facilitador de promover a ludicidade e a socialização, possuindo uma estrutura como os brinquedista e os brinquedos que estimulam a autonomia, criatividade, iniciativa, senso crítico e principalmente o brincar sem direcionamento. Este último é um diferencial de qualquer outro ambiente que a criança esteja inserida, pois, aumentam as possibilidades de explorar o espaço, objetos e de socializar com outros sujeitos de diferentes faixas etárias no mesmo ambiente.

Ressaltamos com este projeto a seriedade da pesquisa na Universidade pública como centro das ações formativas dos discentes, devendo ser o ponto básico de apoio e de sustentação das ações no

ambiente de formação do futuro profissional da educação, por intermédio dos encontros com estudos teóricos que fundamentam a importância da ludicidade para as crianças, como um espaço de interação subjetivo e social. Destaca-se os estudos que evidenciam a relação da criança com o brinquedo e à interação com outras crianças no espaço da Brinquedoteca universitária.

Agradecimentos

Agradeço ao CNPq pela concessão do incentivo à pesquisa. A orientadora Prof. Dra. Ana Paula Conceição, por ter me oportunizado a aproximação com a temática, com a ciência e com as pesquisas. E por fim, a Brinquedoteca Universitária Paulo Freire pela oportunidade de participar das suas atividades, pois, dessa forma me aproximei do conteúdo pesquisado.

Referências

- Ariès, P. (1986). *História social da infância e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Benjamin, W. (1987). Brinquedo e brincadeira: observações sobre uma obra monumental. In: Benjamin, W. *Magia e técnica, arte e política* (pp. 249-253). 3a ed. São Paulo: Brasiliense.
- Borba, Â. M. (2007). O brincar como um modo de ser e estar no mundo. *BRASIL*, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Ensino Fundamental de nove anos: Orientações para a inclusão de crianças de seis anos de idade* (pp. 33-45). Brasília: Ministério da Educação.
- Brougère, G., & da Nossa Epoca, C. Q. (1995). *Brinquedo e cultura*. São Paulo: Cortez.
- Cunha, N. H. S. (2007). *Brinquedoteca: um mergulho no brincar*. São Bernardo do Campo: Vetor.
- Cely, E. (1997). Brinquedoteca: espaço lúdico de educação e lazer. In: SANTOS, M.S (org.). *Brinquedoteca o lúdico em diferentes contextos* (pp. 125-127). 8a ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Grigorowitschs, T. (2008). O conceito "socialização" caiu em desuso? Uma análise dos processos de socialização na infância com base em Georg Simmel e George H. Mead. *Educação & Sociedade*, Campinas, 29(102), pp. 33-54. DOI: 10.1590/S0101-73302008000100003
- Grigorowitschs, T. (2010). Jogo, mimese e infância: o papel do jogar infantil nos processos de construção do self. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, 15(44), 230-246. DOI: 10.1590/S1413-24782010000200003
- Kishimoto, T. M. (2010). Brinquedos e brincadeiras na educação infantil. *Anais do I Seminário Nacional: currículo em movimento – perspectivas atuais*. Belo Horizonte, MG, Brasil. Recuperado de <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7155-2-3-brinquedos-brincadeiras-tizuko-morchida/file>.
- Kishimoto, T. M. (1995). O jogo e a educação infantil. *Pro-posições*, Campinas, 6(2), pp. 46-63. Recuperado de <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8644269>.
- Luckesi, C. (2014). Ludicidade e formação do educador. *Revista entreideias: educação, cultura e sociedade*. Salvador, 3(2), pp. 13-23. DOI: 10.9771/2317-1219rf.v3i2.9168

- Moruzzi, A. B. (2011). A Sociologia da Infância: esboço de um mapa. *Educação: Teoria e Prática*, São Paulo, 21(36), pp. 125-137. Recuperado de <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/3675>.
- Machado, Q. D. Z. (2010). *Socializar brincando: uma experiência prática na educação infantil*. 57f. Monografia (Graduação em Pedagogia). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS. Recuperado de <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/36506>.
- Narodowski, M. (1993). *Infância e poder: a conformação da pedagogia moderna*. 231f. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas: Unicamp. Recuperado de http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_475f3b9d54bc7ade8ca4ea4d8c663783.
- Negrine, A. (2000). O lúdico no contexto da vida humana: da primeira infância à terceira idade. In: SANTOS, S. M. P. (Org.). *Brinquedoteca: a criança, o adulto e o lúdico* (pp. 15-24). 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes.
- Plaisance, E. (2004). Para uma sociologia da pequena infância. *Educação & Sociedade*, Campinas, 25(86), pp. 221-241. DOI: 10.1590/S0101-73302004000100011
- Prodanov, C. C., & Freitas, E. C. de. (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale.
- Rosa, T. S. G. D. (2013). *A ludicidade como espaço constituidor dos sujeitos infantis*. 35f. Monografia (Graduação em Pedagogia). Faculdade de Humanidades e Educação, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Ijuí: UNIJUÍ. Recuperado de <http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/1625/A%20ludicidade%2008%20de%20julho%20FINAL%20gravar.pdf?sequence=1>.
- Santos, M. S. (2000). Espaços lúdicos: Brinquedoteca. In: Santos, M. S. (Org.). *Brinquedoteca a criança, o adulto e o lúdico* (pp. 57- 61). 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Santos, M. S. (1997). Brinquedoteca de universidade. In: Santos, M. S. (Org.). *Brinquedoteca o lúdico em diferentes contextos* (pp. 97- 100). 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Vigotski, L. S. (1991). *A formação social da mente*. 4a ed., São Paulo, SP: LTDA.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Ubu Editora, Rio de Janeiro: Imago.

Sobre as Autoras

MYLENA MATOS DA CUNHA MASCARENHAS

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5006-6305>

Graduando em Psicologia pela Universidade do Estado da Bahia e membro do grupo de pesquisa FormacceInfância Linguagens e EJA. Também participa do Grupo de Estudos Multirreferenciais do Cuidado e atualmente é bolsista de Iniciação Científica – PIBIC/CNpq. E fundadora da Liga Acadêmica de Psicologia da Saúde e Hospitalar.

E-mail: mymascarenhas@outlook.com

ANA PAULA SILVA CONCEIÇÃO

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6958-7749>

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal da Bahia (1999), graduação em Licenciatura Plena Em Letras Vernáculas pela Universidade Católica do Salvador (1997), Mestrado em Educação pela Universidade Federal da Bahia (2004) e Doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Faced, na Universidade Federal da Bahia (2009). Atualmente realiza a pesquisa de Pós-doutorado na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB, no Programa de Pós-graduação em Educação-PPGED. Bolsista CAPES- PNPd. É Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia na Graduação e atualmente é docente do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade PPGEduC- DEDC I-UNEB, Linha LPq2. Foi professora de 2012 a 2019 no Programa de Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos Mestrado Profissional- MPEJA-UNEB. É líder do Grupo de Pesquisa FORMACCEINFÂNCIA LINGUAGENS E EJA-FORINLEJA do DEDC I-UNEB. Linha de pesquisa: Educação, Formação, Currículo e Tecnologias na cultura infantil.

E-mail: apsconceicao@uneb.br

Enviado em: 27 fev. 2021.

Aprovado em: 1 ago. 2021.